

A MINHA HISTÓRIA COM RUBENS DE MENDONÇA

Paulo Pitaluga Costa e Silva¹

A minha história com Rubens de Mendonça é um pouco diferente das demais. A nossa amizade tem mais de um século, pois meu avô, Jaime Pitaluga, era amigo bem chegado do pai de Rubens, o emérito historiador Estêvão de Mendonça. Moravam perto um do outro, ambos eram amigos e correligionários de Totó Paes e lutaram a seu favor na revolução de 1906. Talvez o seu avô também tivesse sido amigo de meu bisavô. Minha mãe era dois anos mais nova, mas estudavam juntos na Escola Modelo Barão de Melgaço. Como ele mesmo se referiu a si próprio “*sempre fui um mau aluno*”, certamente foi reprovado e daí estudar junto com minha mãe, mais nova do que ele. E eu, como nem poderia deixar de ser, fiquei seu amigo e de sua família. Dona Ivone e Adélia. Quantas vezes as visitei depois da morte de Rubens, dezenas de vezes, na casa do bairro Boa Esperança. Gostava de D. Ivone, de sua conversa, de suas histórias, de suas gargalhadas imensas. Mas marido e esposa já faleceram, só me restando as boas lembranças de ambos e a amizade sólida com Adélia e sua família.

Eu tinha dia e hora marcada para os encontros com Rubens. Todo o sábado, lá pelas 8h30 da manhã, estacionava meu fusca, bem em frente à sua casa na rua Barão de Melgaço, e já o encontrava de pijama, debruçado no peitoril da janela. Abria porta e eu entrava naquele mundo diferente, com cheiro diferente, com uma visão diferente. Ficávamos em uma sala lotada de estantes de livros, de papéis, jornais, de pastas enfiadas nos vãos do livros, diplomas de uma porção de coisas. E, nas paredes, vários quadros, de seus pais, do barão de Melgaço, de D. Ivone, entremeados a folhinha e recortes de jornais emoldurados. Uma perfeita e organizada “bagunça” generalizada, que

¹ Advogado, historiador, membro efetivo do IHGMT e seu ex-presidente.

só ele entendia. Qualquer livro, qualquer revista, qualquer peça de seu imenso acervo, na hora ele a localizava, pois sabia perfeitamente onde estava.

- Paulo, você que é mais novo, levante pegue naquela terceira prateleira daquele estante ali, o livro do Dr. Virgílinho. E lá estava o livro no local indicado.

Realmente, era fantástica a sua biblioteca, desde livros herdados da biblioteca paterna, com obras de história, geografia, literatura mato-grossense e brasileira, clássicos mundiais, pilhas de jornais antigos, de revistas de décadas anteriores.

E ali, naquele ambiente propício, sentados em cadeiras de balanço tipo Austríacas, as nossas conversas eram infundáveis. E só versavam sobre a história de Mato Grosso. Nada de política, apesar de ele ter sido bem politizado e filiado ao antigo PTB de Getúlio Vargas. Somente a história de Mato Grosso preenchiam o nosso tempo. E sempre um perfumado café de D. Ivone.

Logo, ele percebeu a minha inclinação, não pelo Direito, minha formação, mas pela história de nossa terra e nossa gente mato-grossense. E mais, o meu entusiasmo pela história colonial e alguns episódios da história já no século XX. Dos capitães-generais aos embates políticos e revoluções do período republicano.

Logo foi me explicando os meandros da história dessa época. Antonio Paes de Barros, Generoso Ponce, a “Caetanada” etc. E de imediato foi me mostrando a realidade de Totó Paes, que já me chamava a atenção e me despertava a curiosidade de tanto ouvir meu avô falar sobre esse incrível homem que governou Mato Grosso.

Quando lhe comuniquei que estava iniciando as pesquisas para escrever meu primeiro livro, as “*Casas de Fundação em Mato Grosso*” tenho a impressão de que, pela maneira surpresa com que recebeu a notícia, deva ter ficado um tanto decepcionado com o tema. Certamente, preferiria alguma coisa sobre Totó Paes, nosso ídolo em comum. Entretanto, nesse trabalho mencionei o referido governador e a cunhagem de moedas na sua usina do Itaicy, o que o levou a escrever em seus *Sermões aos Peixes*, que ali estava se iniciando uma releitura, um resgate histórico e um novo pensar acerca do mesmo. Isso porque os historiadores do século XX, liderados por Virgílio Corrêa Filho e Generoso Ponce Filho, reduziram a zero Totó Paes, sua vida e seu governo.

E com ele aprendi muito. Certamente me encaminhou com indicações firmes e precisas nos rumos de nossa história e nossa historiografia. Era decididamente um mestre. Um mestre na arte de

pesquisar e escrever sobre as coisas de nosso passado. Poeta? Sim, mas muito mais historiador. A avenida que leva seu nome é Historiador Rubens de Mendonça e não “Poeta” Rubens de Mendonça.

Rubens me encaminhou também para a pesquisa na Ata de Fundação de Cuiabá. Dizia ele que a Ata foi escrita muitos anos após a fundação de nossa capital.

- *Mas como assim?* Perguntei.

- *Leia a Ata e a compare com os escritos de José Barbosa de Sá, nosso primeiro cronista.*

Verdade. Anos depois, fiz uma exegese dessa Ata e constatei essa realidade e ali concluí que Rubens estava cheio de razão. Transformei as pesquisas em um pequeno opúsculo publicado logo após sua morte. Até não sei porque, nunca, Rubens de Mendonça não escreveu nada a respeito dessa Ata.

Um episódio que merece aqui ser explicado. De certa feita, estava assistindo uma palestra de História de Mato Grosso e a palestrante qualificou com menosprezo a figura ímpar de Rubens de Mendonça, certamente alguma crítica por não ser ele formado em História e nem PhD nessa matéria. Não me lembro bem. Saí incontinenti da palestra e escrevi um artigo, “*Um Desagravo sem Verbo*”. Eu havia lido uns dias antes um certo “*Discurso sem verbo*” do bispo de Belém, D. António de Macedo Costa, e achei que poderia fazer algo no gênero. E fiz. Desagravei Rubens de Mendonça nesse artigo sem nenhum verbo no texto. Ele o publicou em seu *Sermão aos Peixes*.

Algumas poucas, pouquíssimas vezes, fui ter com ele no Bar Internacional, na avenida Presidente Vargas, tomar *whisky* e beber uma cerveja. Ali a conversa era outra. Os frequentadores assíduos falavam mais de política e nada de história. Sentados ali, aquele grupo de amigos resolvia absolutamente todos os problemas de Mato Grosso e do Brasil. Isso fez com que me desinteressasse por aquelas rodadas etílicas nas quentes noites cuiabanas.

Após publicado o meu primeiro livro, ele me levou para ser sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde estou desde 1977 e já fui o seu presidente. Ele e Gervásio Leite sempre insistiram para que eu entrasse também para a Academia Mato-Grossense de Letras, o que nunca quis, vez que, fazendo parte do Instituto já fazia parte da Casa Barão de Melgaço, onde estão abrigadas as duas instituições culturais.

Mas os anos que convivi com ele, para mim, foram fantásticos. Ele me ensinou e eu aprendi. Realmente, foi Rubens de Mendonça quem me iniciou na história mato-grossense. Pôde traçar para mim rumos

efetivos, contar episódios, corrigir e aprimorar ideias, relatar casos que somente ele sabia. Algumas, que depois pesquisei, viraram livros que escrevi, como os “*Índios Cuiabás*”, “*Índios Xarayés*”. Ele me apontou também a figura incrível do antigo Juiz de Fora de Cuiabá, Diogo de Toledo Lara Ordonhez, sobre quem já produzi um livro, chamando minha atenção para este, que foi uma das figuras mais eruditas e cultas de uma pequena Cuiabá colonial ainda no século XVIII.

E esse despertar histórico para mim foi imprescindível, foi fundamental para a produção de meus livros e artigos. Talvez, não fosse Rubens de Mendonça, a vontade de saber das coisas de Mato Grosso de séculos atrás tivesse se esvaído na poeira de meus tempos e eu não teria escrito tudo o que já escrevi, passando bem mais de uma centena de títulos.

O estímulo, o apoio, o empurrão foi de Rubens de Mendonça. Hoje penso que, quando percebeu minha motivação, esmerou-se em seus ensinamentos, pois, talvez, tivesse visto em mim um possível continuador de sua obra fantástica. Penso eu.

Seu pai tem uma célebre frase: “*Morre para sempre quem morre em Cuiabá*”. Felizmente não acertou Estêvão de Mendonça quando se saiu com essa. E a demonstração cabal da impropriedade dessa frase é a comemoração, neste ano de 2015, pelo Instituto Histórico, do centenário desse emérito historiador e sensível poeta que foi Rubens de Mendonça.

Não morre para sempre quem morre em Cuiabá, pois o povo cuiabano sabe honrar e preservar a memória de seus filhos ilustres.